

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE NOVEMBRO DE 1911

N.º 307

A incursão monarchica



O estado maior e o commando da columna de operações que partiu de Saigueiros para Pinheiro Velho em perseguição das hostes de Paiva Couceiro

(Phot. de J. Benoliel)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de novembro de 1911

S. Carlos

S. Carlos é uma instituição nacional. Acabar, como acabou a da monarchia, seria de mais para um paiz pequeno. Assim o comprehendeu, num relance que abona as suas faculdades de previsão, o governador civil de Lisboa, quando o sr. Mimon Anahory, — de pouco saudosa memoria, — logo no dia seguinte á proclamação da Republica, apressurado, ollegante, lhe foi propôr a abolição immediata do nome, do santo e do real. Porque o nome era o do penultimo rei, o real era uma offensa ao regimen, e o santo ia ser cortado na folhinha. O sr. dr. Eusebio Leão, honra lhe seja, só concordou com o côrte do qualificativo, mantendo intangivel o S. Carlos, com todo o respeito devido ao velho nome do theatro que dêra leis na arte, que tivera uma alta cotação na Europa, tão grande que se mantinha ainda, apesar dos ultimos periodos de inferioridade e decadencia.

Mais tarde viu pelo mesmo prisma o sr. dr. Antonio José d'Almeida, e por fim teve comprehensão identica, que não é de mais chamar patriótica, o sr. João Chagas. E aqui temos nós que registar mais uma vez o poder da arte, tão avassalador, que consegue ligar no mesmo ponto de vista tres marechaes da Republica portugueza. Estivessem elles assim tão estreitamente unidos na politica, que nem conciliações forçadas nem Congressos para se darem beijos... de Judas, e abraços... de partir as costellas, se tornariam necessarios no grave momento que atravessamos.

Theatro de S. Carlos! Tu que encheste o mundo com o teu nome lyrico, que exhibiste sobre o teu palco todas as celebridades do canto, que penetraste dos effluvios celestiaes da musica todas as almas portuguezas de eleição, que fizeste desfilar perante gerações successivas as obras primas dos grandes maestros, que foste o *rendez-vous* obrigado de todas as sociedades cultas, que nos longos intervallos das tuas operas assististe a todas as intrigas da politica, e a todas as peripecias do namoro, á exhibição de todas as modas, á critica de todos os acontecimentos, que por entre risadas e commentarios se desenrolaram pelos teus corredores e pelos teus salões, tu que foste, ao mesmo tempo, o templo da arte italiana e do mexerico nacional, theatro de S. Carlos, eu te saúdo, porque tu vieste completar a Historia Portugueza, que tinha no seu passado guerreiro *A revolta dos marechaes*. De hoje em diante em nome da arte, em nome da harmonia, tu proclamas *O accôrdo dos marechaes!*

Sim, o primeiro mantendo-lhe o titulo, o segundo votando-lhe um subsidio, e o terceiro concedendo-lh'o, salvaram-n'o da morte, a que já outros o tinham condemnado. Houve quem barafustasse, houve quem invectivasse os dois ministros por arrancarem essas migalhas ao thesouro em beneficio do theatro de S. Carlos. Mas os ministros estribaram-se nas exigencias da opinião publica, de que se fizeram echo e porta-voz as associações commerciaes de Lisboa.

E nesta altura da epoca, em que está formada a companhia lyrica, figurando nella cantores de nomeada, e em que já se annuncia para dezembro proximo a abertura do theatro, absolutamente nos convencemos de que são os ministros e as associações que estão em bom campo.

Pois quê! Perante nacionaes e estrangeiros era a propria Republica que havia de fazer a deprimente confissão da pelintrice nacional? Então a França republicana levanta sobre escombros o seu palacio da opera, o seu theatro magnificente, a que não podia comparar-se nenhum dos mais bellos e grandiosos da monarchia extincta, e a Republica portugueza, logo ao começo da sua existencia, fechava a portuguezes e estrangeiros as portas do seu theatro lyrico! Pois ella havia de declarar oficialmente que a abandonava o capital, que as casas opulentas lhe faziam guerra, que guerreava ella mesma o commercio do luxo e da moda, que debandava para outras regiões o bom gosto e a arte, que a sociedade mais culta, a formosura, o dinheiro, a elegancia, a critica, os habitos da civilização, todos os apanagios e regalias de um povo moderno haviam, só porque a Republica existia, de fugir, de emigrar, deixando-a entregue ao odio dos carbonarios, aos operarios em greve, aos mendigos em bando?

E que queria dizer senão tudo isto o encerramento do theatro de S. Carlos? E que tristissimo documento dariam da sua inferioridade mental e dos seus recursos de estadistas os homens que podendo com um pequeno recurso financeiro salvar uma situação, a agravassem, pondo-a a descoberto, exhibindo-a em todos os seus pavorosos aspectos!



MAURICIO BENSUADE

Director do theatro de S. Carlos

A's associações, aos dois ministros, aos empregarios de Madrid, os srs. Bocetta e Callejas e ao director do theatro, o sr. Mauricio Bensaude, se deve por conseguinte o valiosissimo serviço de evitarem que fosse decretada, mais ou menos oficialmente, a nossa bancarrota lyrica. Se, por mal dos nossos peccados, alguma outra, de outro genero bem diverso, tiver de desabar sobre nós, vamos ao menos fazendo abortar aquellas para as quaes baste um bocadinho de bom senso e de boa vontade.

Que resta agora? Que o publico tome o seu lugar na civilização e... no theatro. Se elle o abandona dá um exemplo funesto. Annulla a obra dos que tiveram a temeridade de se pôr á frente de uma empreza arriscada, e põe em desoladora evidencia tudo o que pretenderam oc-

cultar, por um rasgo de estadistas, aquelles que, contra objurgatorias e invectivas, deram do thesouro um subsidio á Empreza, para que o theatro de S. Carlos, aberto todos os annos no regimen monarchico, não ficasse ás moscas no segundo anno da Republica.

Ao alto commercio, á alta finança e ás antigas casas nobres ou ricas que se não expatriaram, ou acceitaram o regimen vigente, cabe o dever de salvar a situação. A empreza, que é por signal estrangeira, habilitou-se para todas as contingencias das emprezas commerciaes, e no seu livro razão não se esqueceu certamente de abrir uma conta de ganhos e perdas. E' com ella essa parte, sem que nada tenhamos com o saldo negativo ou a favor com que feche o seu balanço. Dos artistas sabemos que os não ha hoje melhores, e que pela scena lyrica de Lisboa desfilarão os mesmos que hão de figurar no palco do Real Theatro de Madrid. Operas executar-se-hão as mais aclamadas, pela primeira vez serão algumas ouvidas em Lisboa, e os nomes laureados dos maestros aos quaes está confiada a regencia da orchestra, respondem pelos primores da execução musical, que não é difficil antever. E pelo que respeita á direcção superior, basta, a garanti-la, o nome de Mauricio Bensaude. Para

A incursão monarchica



O estado maior das tropas do governo em frente do quartel general em Salgueiros

este posto de responsabilidade não foi a empreza buscar um adventicio, um curioso, mas um artista *lui-même*, um artista portuguez, tão applaudido pelas nossas platéas, como já o fóra pelos publicos mais exigentes da Europa e da America.

devoluto esse logar ou se será occupado, como e por quem. Quer-se saber se a Republica honra ou não a sua firma nesta letra de cambio, que, para o caso, se chama o theatro de S. Carlos. Quer-se saber se descuro os seus interesses todo o alto commercio de uma capital, que deve ser civilisada, se o theatro, onde se ostentaram as joias de valor, as elegancias mundanas, as mais radiantes formosuras femininas, as toilettes caprichosas, o mundo da nobreza, da politica, da arte, da finança, vae patentear a ausencia de tudo isso, deixando vasio os seus logares caros, e apenas frequentadas a geral e as varandas pelos pés frescos, pela pelintragung arrogante, e pelos que a ninguem podem servir de estimulo ou de modelo.

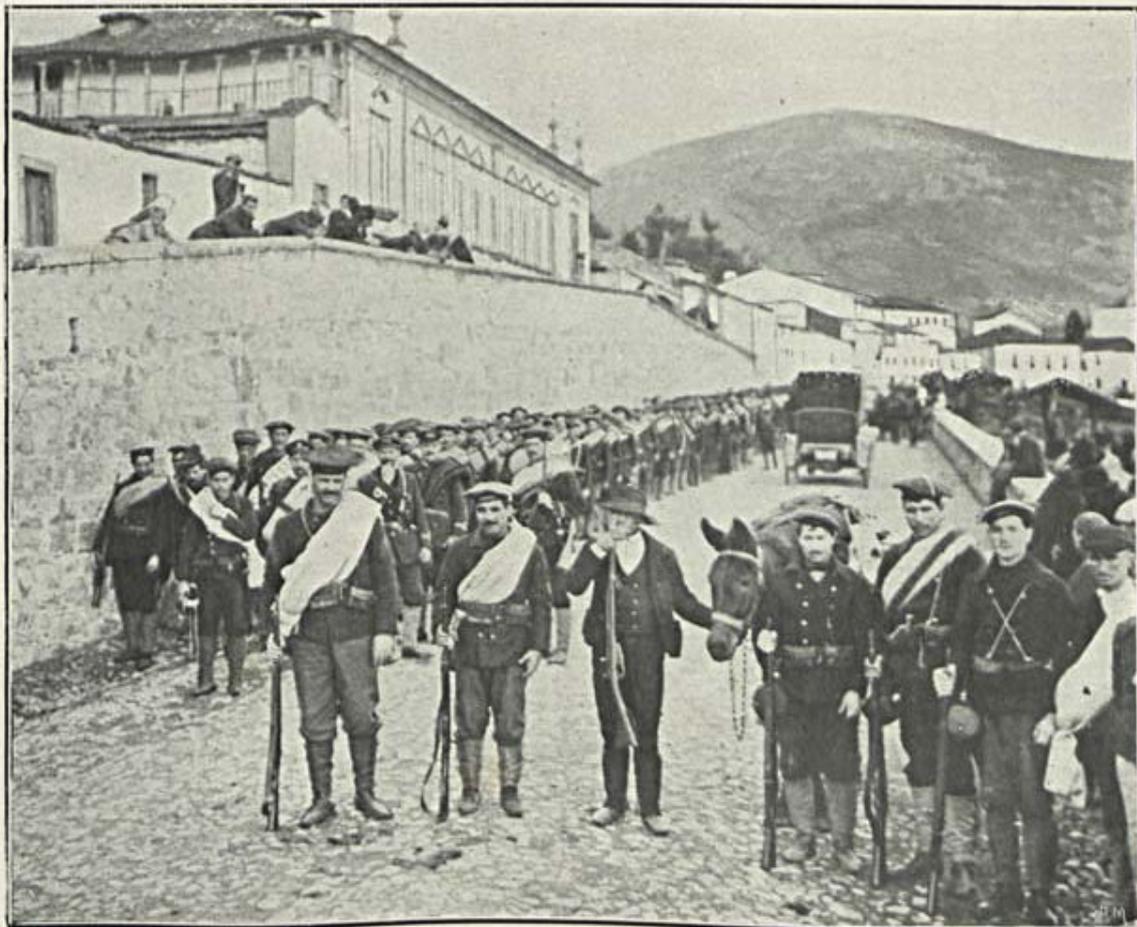
Se a invocação ainda é permittida, permitta Deus que a democracia se não illuda, fazendo-se representar mal, e que, pelo contrario, timbre em mostrar que não rejeita nem abomina o gosto, a fortuna, a cultura, a esthetica.

JAYME VICTOR.

O cacete vingador

CONTO

Um pae tinha tres filhos. O mais velho sahiu á cata de fortuna e encontrou a meio do caminho um velho, affavel e bom, que pediu para seguir em sua companhia. Era Jesus Christo em pessoa. Fizeram-se amigos e no primeiro entroncamento separaram-se. Tempos passaram e o rapaz não conseguiu arranjar fortuna. Perdeu a coragem para enfrentar a adversidade e voltou para o campo



A INCURSÃO MONARCHICA — Uma columna de marinheiros sahindo de Vinhaes para Caropos

(Phot. de J. Benoit)

De um lado, governador civil, governo, associações, emprezarios, artistas, director, tudo está no seu logar. Do outro lado, o logar do publico... está vago. E para o observador nada de mais palpitante interesse no momento actual do que vê se continuará

a lavrar a sua pequena herdade, sem desejos de prosperar e enriquecer, como quizera antes.

Como, porém, o seu intento era bom, pois queria ser rico para beneficiar sua familia, Christo resolveu protegê-lo.

E no entroncamento do caminho onde se haviam apartado, encontraram-se de novo.

O rapaz saudou desanimado o velho affavel e bom, mas este



A INCURSÃO MONARCHICA — No hospital de Bragança
Um guerrilheiro de Paiva Couceiro, ferido

consolou-o pedindo que acceitasse um presente que trouxera, sabendo do que lhe ia acontecer.

Era uma meza de tres pés, que se cobria de tudo aquillo que se desejasse, ao simples «Cobre-te», pronunciado pelo seu possuidor.

O rapaz, já animado, seguiu a tentar novamente a riqueza e pernoitou no melhor albergue dos sitios, onde depois de beber bom vinho falou de mais, revelando o segredo da meza. O estalajadeiro, que era um tratante, enquanto o rapaz sob a influencia do vinho, dormia pesado somno, substituiu a meza por outra, e quando o dono chegou a casa e propoz aos irmãos fazer-lhe um milagre, que seria a riqueza da casa, passou pela vergonha de o tomarem por embusteiro, o que o encheu de desgostos, quasi chegando á morte.

O segundo irmão sae para vingal-o e encontra o mesmo velho que não se dá a conhecer, para aguardal-o de novo, no mesmo entroncamento, e presentear-o com um pequeno cordeiro que deita moedas de ouro pela bocca, ao dizer-lhe o seu possuidor: «Anda, serve me.»

Feliz o segundo irmão, segue o seu caminho e como o albergue melhor era aquelle onde o irmão estivera, lá se recolheu para vigiar e vêr se conseguia achar a meza talisman.

Na ceia não toma vinho, mas finda aquella, convidam-no para jogar e como era este o seu fraco, atira-se ás cartas e perde tudo quanto trazia. Pede permissão aos companheiros para ir ao seu quarto buscar dinheiro para pagar as suas dividas de banca e, precipitado, dirige-se ao aposento onde deixára o cordeirinho.

Astuto e desconfiado, o estalajadeiro segue-o e pela porta, deixada entreaberta pelo rapaz agitado e fóra de si, vê-o em frente ao cordeirinho, ouve-lhe as palavras e assiste ao apparecimento de moedas em profusão.

Tão bem comprehendeu, que quando fatigado pelas impressões da banca e nada tendo recuperado, o rapaz se estendeu a dormir extenuado, o estalajadeiro apossou-se do cordeirinho, substituiu-o por outro e repetiu-se em casa a mesma desanimadora scena acontecida com o primeiro irmão.

Parte então o mais novo, que principia, devido ao infortunio dos outros, a desconfiar do velho, ainda Jesus, que o acompanha em toda a extensão do caminho até o entroncamento. Ao separa-

rem-se, consentiu em aceitar um bello cacete que o velho lhe dá, e o qual á voz de «Queima!» principiava a dar a torto e a di-direito até que seu dono dissesse: «Basta!»

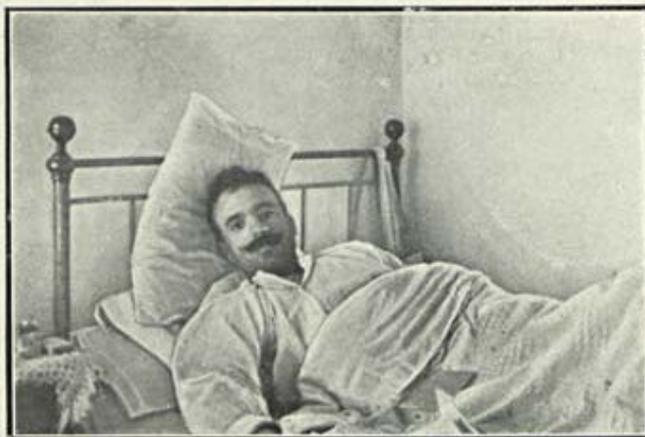
Tres ladrões atacaram no caminho o rapazola, que se livra devido ao milagroso cacete, com que elle entra confiado no albergue do estalajadeiro tratante.

Annunciou-se como irmão dos outros e que possuia um segredo mais valioso, pelas riquezas que concentrava, que todos os thesouros do mundo, e, fingindo que repousava, estendeu-se n'uma tarrimba que havia perto.

O estalajadeiro, ambicioso e insaciavel, trata de retirar todo o mundo e procura fazer aspirar o rapaz uma dormideira, que o obrigue a conservar-se quieto, afim d'elle o examinar todo e apoderar-se do segredo. O rapaz, porém, vale-se do «Queima!» quando o tratante começava; o cacete cahe de rijo no estalajadeiro que confessa onde tem a meza e o cordeirinho e os restitue, depois de bem sovado, ao rapazinho, que torna para casa, onde, por não beber, faz entrar a abundancia, a riqueza e a felicidade.

A Beira

QUEM discorrer sósinho, n'uma tarde do estio, por essas estradas ermas e caladas da Beira, quasi todas encerradas entre paredes elevadas de schistos, sente fatalmente uma impressão singular, que não experimentou ainda nos demais caminhos percorridos em qualquer outra parte do paiz. Se ha estradas tristes sob o sol glorioso e o lindo céu de Portugal, são as d'aquella velha provincia cheia de rudeza. Nenhum ruido interrompe o silencio monotonico que reina na paisagem, parecendo que tudo em volta está exausto e morto. O espirito é absorvido, por isso, pela sensação aterradora da grandezza solitaria da natureza e da sua indiferença aggressiva pelo fluxo e refluxo da existencia dos homens. No mar, sobre a tolda de um navio, a consciencia, que a todos sobressalta, do nada da vida, quando na nuvem fuzila o raio e ulula a tempestade e quando a onda se ergue embravecida e furiosa, não incute um tão fundo desalento como o que, sem razão aparente, nos accommetteu nas horas em que peregrinámos pelos recantos sombrios da Cova da Beira. O coração tranzia-se pela suggestão amargurada d'aquellas terras desoladoras de silencio.



A INCURSÃO MONARCHICA — No hotel de Vinhaes
O tenente Quaresma, das forças republicanas, ferido no combate de Caçares



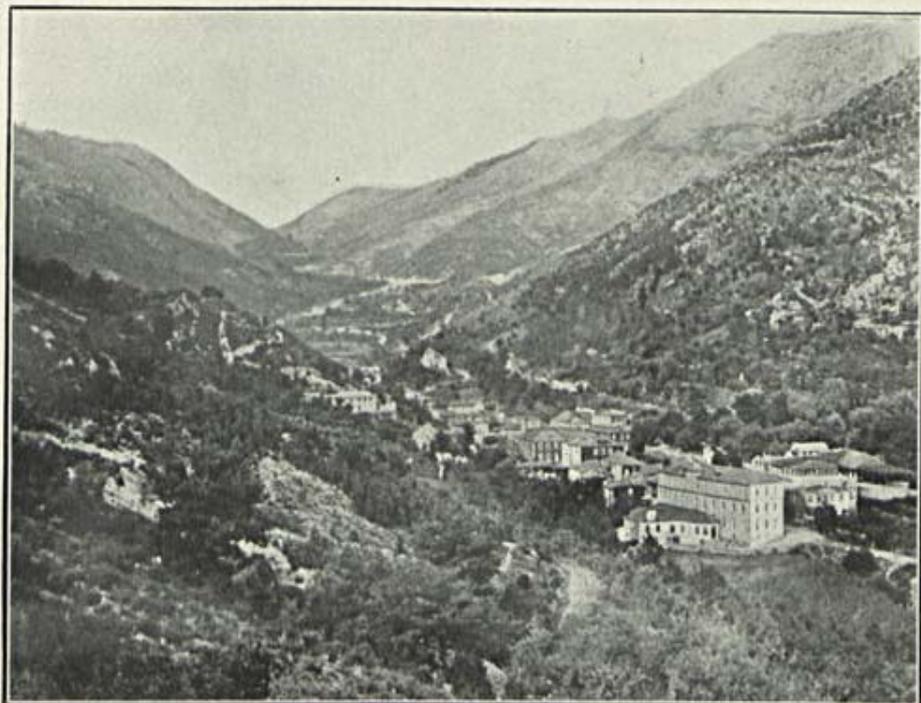
A INCURSÃO MONARCHICA — No hospital de Bragança
O tenente Pereira, das tropas do governo, ferido no combate de Caçares
(Phot. de J. Benoit)

Em uma ou outra das duas Beiras é, assim, por quasi toda a parte, a mesma aborrecida e invencivel melancholia da Camp-

quando n'ella elegeu o seu solar o maior macisso montanhoso do paiz, — esse magnifico monte Herminio, cujo pincaro mais elevado,

o Cantaro Delgado, se ergue ainda acima de 2:500 metros, mais de metade da altura do Cervin. Os que fizeram já a ascensão da Serra da Estrella e escalaram o seu vertice, são só os que podem comprehender as sensações grandiosas que o espirito ahi experimenta. Para as descrever aqui seria necessario ter ao menos uma parte do segredo do estylo d'esses maravilhosos pintores dos Alpes que foram Toepffer, Saussure, Tyndall ou Javelle. A vista que do Cantaro Delgado os olhos alcançam, é absolutamente extraordinaria. Do lado do norte é o quadro inteiro da Beira Alta; do do sul o Fundão, toda a Cova da Beira, Abrantes, o Tejo até bem perto de Lisboa, e ainda uma parte do Alemtejo e da Extremadura; do lado da Hespanha a enorme eminencia da Sierra Nevada; e do opposto um vasto trecho da provincia do Douro até á Figueira e ao mar.

E não deixa de ser motivo para des-
pertar justificado espanto que n'um paiz que possui essa bella e imponente montanha, em que ha já altitudes de accésso laborioso e difficil, não exista sequer um club de alpinistas. De resto, a pobreza da nossa litteratura, no genero, parece denunciar que não se conhece em Portugal a paixão da montanha. Diz-se que os brahmanes da India antiga passavam mil annos sem comer nem beber, empoigados pelo extase, nas altas solidões do Himalaya. Não se produzem hoje em dia taes milagres; mas o sentimento impressionante da belleza alpestre não deve ter morrido de todo, por certo, na alma do homem. Nos cimos



A INCURSÃO MONARCHICA — Vista geral do Gerez, um dos pontos ameaçados pelas hostes monarchicas

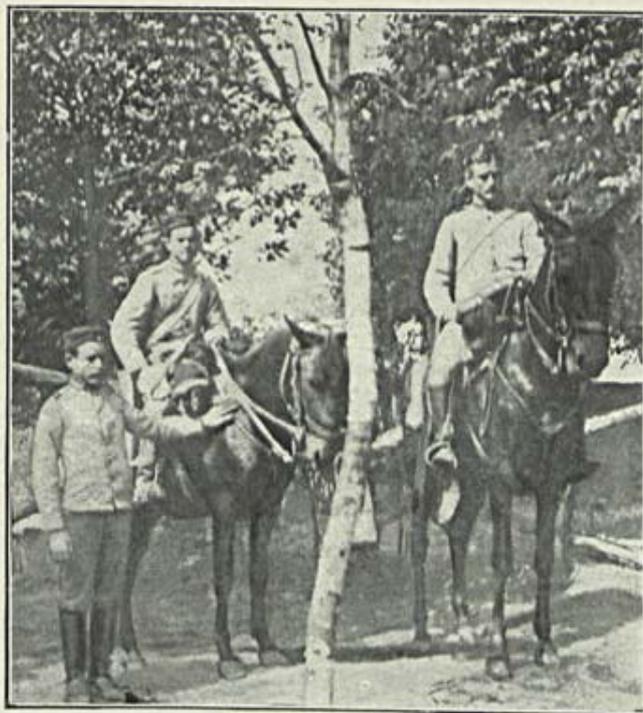
nia italiana, e as povoações teem ares pesados, conservando um caracter de inerte ancianidade. A propria habitação é caracteristica: casas velhas, construidas de pedra negra, mal telhadas, offerecendo o maior desconforto, muitas vezes sem revestimento interior de cal e ainda mais sem elle exterior. Além d'isso, todos os velhos habitos se teem mantido, tenazes, enraizados no duro solo beirão como as arvores seculares, que ainda subsistem da plantação primitiva. De facto, na Beira só muito modernamente é que se nota a tendencia para satisfazer ás exigencias da civilização, e só agora algumas localidades principiam a transformar-se, como, por exemplo, succede com Villa Nova de Oliveirinha, cujos progressos e melhoramentos, celebrados ha poucos annos com uma festa local, foram encetados, por assim dizer, recentemente.

Tanto a Beira Alta como a Beira Baixa são, contudo, das terras mais abundantes, e até ricas, do paiz, e as condições economicas e sociaes da existencia são, egualmente, tanto nas cidades como nos campos, superiores ás da maioria das outras terras de provincia. A Covilhã, com as suas numerosas fabricas e grande actividade industrial, é a Manchester portugueza. Começou na baixa, por pequeno povoado; desenvolveu-se, e subiu a encosta da serra, por entre as ribeiras da Carpinteira e Degoldra, sobre cada uma das quaes lançou sua ponte de cantaria. As outras cidades, principalmente Castello Branco, capital da Beira Baixa, e Vizeu, capital da Beira Alta, são todas importantes e de largos recursos. A produção agricola, devido á fertilidade da terra e á intensidade do cultivo, é por todos os lados opulenta e preciosa, assegurando geralmente o bem estar das localidades ruraes.

E, pois, na realidade, a rudeza e a monotonia da paisagem, a soturnidade dos valles cavados fundo entre as montanhas, que dão essa impressão angustiosa que se infiltra em nós subtilmente. Quer, porventura, dizer isto que não haja nas duas Beiras sitios pittorescos e formosos trechos panoramicos? Bem longe d'isso. Não conhecemos até terra alguma, de um a outro extremo do paiz, que possua mais amplas perspectivas do que a parte montanhosa da Beira. Quem subir, por exemplo, n'uma tarde clara de outomno a qualquer dos contrafortes da serra da Gardunha e contemplar a linha imponente das montanhas, ha de extasiar-se com certeza na admiração d'esse magestoso panorama. Mesmo, as dezenas de hectares de gigantescos castanheiros, mandados plantar por D. Diniz, offerecem, por si, nas faldas da serra um quadro admiravel.

Não ha, porém, direito de citar outras serranias da Beira,

quando n'ella elegeu o seu solar o maior macisso montanhoso do paiz, — esse magnifico monte Herminio, cujo pincaro mais elevado,

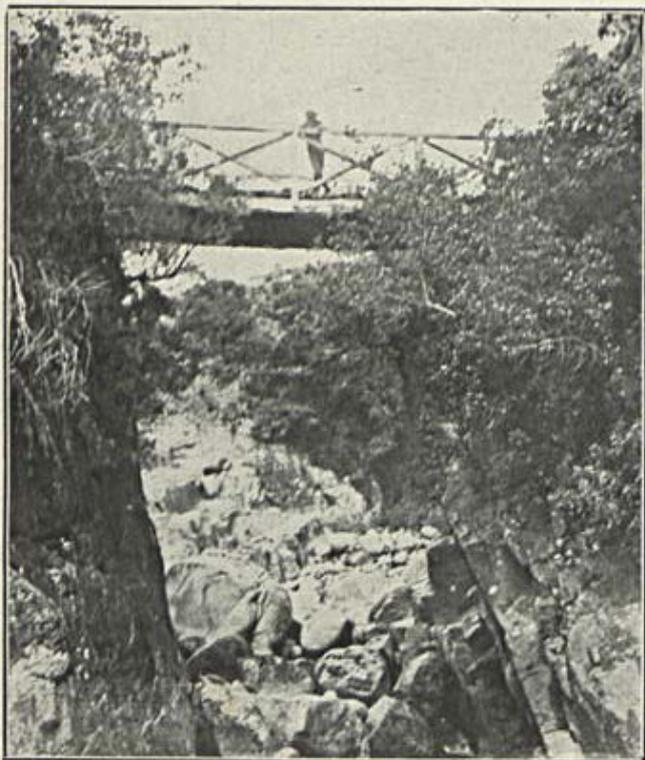


A INCURSÃO MONARCHICA — Na Serra do Gerez
Uma patrulha em Albergaria, a 4 kilometros da fronteira,
prompta a sair

elevados, em frente dos grandes horisontes, cercado de ar limpido e de luz brilhante, no meio de tantas coisas puras e fortes, é impossivel não se experimentar as mais vivas commoções, e os que

subiram já aos vertices da Serra da Estrella não esquecerão mais a intensidade e o encanto d'essas commoções.

poeta Thomaz Ribeiro, — reveste uma pequena collina, descendo pelas suas faldas e espraiando-se depois pelos campos adjacentes.



A INCURSÃO MONARCHICA — Um ponto proximo da fronteira, a 3 kilometros da Portella do Homem



A INCURSÃO MONARCHICA — O Quartel General no Gereç

Das cidades beirãs a mais famosa é, sem duvida, Vizeu, pela sua vetusta idade, pela sua importancia no tempo dos romanos e

A sua fundação perde-se na noite dos tempos, tendo, por isso, uma grande riqueza epigraphica e de monumentos prehistoricos, estes

ultimos denominados «orcas» na Beira. De todas as numerosas curiosidades locaes, sob este ponto de vista, a que mais interesse desperta aos forasteiros é a famosa Cava de Viriato, a que anda ligada a tradição do heroe lusitano. A historia de Vizeu é igualmente cheia de paginas especialmente interessantes pelas varias invasões que soffreu e pela larga serie de factos guerreiros que a preenchem. Foi, além d'isso, córte temporaria de alguns reis de Leão, e lá residiram tambem, em diversos periodos, D. João I e outros dos nossos. N'ella se reuniram córtes por mais d'uma vez. A todos estes meritos, Vizeu junta o de ser uma das terras de maior nobreza do paiz, séde de grande numero de casas fidalgas, umas extinctas e outras ainda com brilhante representação.

Em poucas cidades do paiz haverá tantas romarias como em Vizeu. Fazem-se a Santa Luzia, uma no outeiro do seu nome e outra em Abra-vezes; a S. Pedro, em Esculca; á Senhora das Candeias, no Carvalhal; a Santa Barbara, em Paschoal, etc., etc. O que anima as romarias vizienses é o «estrondo», extraordinaria orchestra composta de rabecas, pifanos, viola, ferrinhos, bombo, e uma folha de serra, que acompanha os bailados e descantes dosromeiros.



A INCURSÃO MONARCHICA — Aspecto da Serra do Gereç, proximo da fronteira

ainda pela sua historia moderna. Situada entre os rios Dão e Vouga, na margem esquerda do Pavia, — o celebrado Pavia do

ros. Affirmam os auctores do *Portugal Antigo e Moderno*: «Temos cruzado em todas as direcções o nosso paiz e conhecemos os

seus descantes populares. Na Beira Baixa e no Alto Alemenço vimos com surpresa os adufes, herdados talvez dos herminios, mas só aqui encontramos as folhas de serra nos descantes populares».

Santa Luzia, cujo caracter pagão se desenha nitidamente, é uma das santas de maior devoção na Beira, sendo numerosas as romagens que por toda a parte lhe fazem. Reproduzimos em seguida, por serem ineditas, as seguintes cantigas da romaria á Santa Luzia da ermida do Castellejo, que se realiza no Fundão em 15 de setembro:

Na ida

Senhora Santa Luzia,
Visinha do Castellejo,
Dae-me vista aos meus olhos,
Qu'eu estou cego e não vejo.

Senhora Santa Luzia,
Feita de pão de canella.
Dae-me vista aos meus olhos,
Qu'eu me vou de cá sem ella.

Senhora Santa Luzia,
Visinha do Castellejo,
Dae-me vista aos meus olhos
Que é o que eu mais desejo.

Proximo da ermida

Senhora Santa Luzia,
Já cá vamos á ladeira,
Deitae a pombinha fóra (1)
Que venha aboar á ribeira.

Na volta

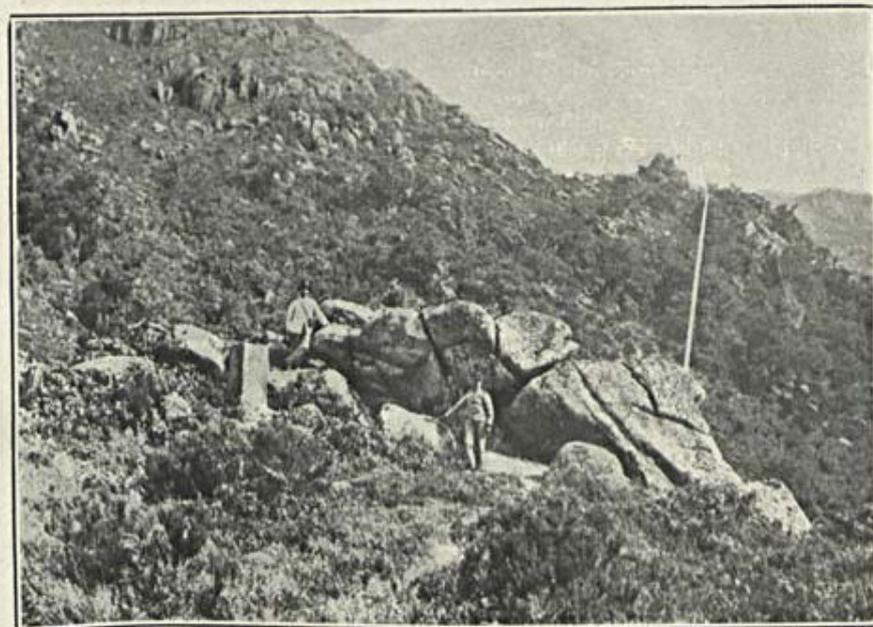
Senhora Santa Luzia
De costas me vou a virar,
Lá me fica o coração
Preso no vosso altar.

As festas populares d'esta provincia apresentam quasi sempre uma feição sua e inconfundivel. Tal é, por exemplo, em Vizeu, a

romaria ao S. João Baptista da capella de Vil de Moinhos, com a sua numerosa e exotica cavalgada. A mais singular de todas, e particularmente digna de citar-se pelo seu excepcional interesse



A INCURSÃO MONARCHICA — Caminho do Gereç para a Portella do Homem, vendo-se um grupo de marcos miliares (2)



A INCURSÃO MONARCHICA — A Portella do Homem, vendo-se á esquerda o marco que limita a fronteira luso-hespanhola

folklorico, é, porém, a dança da aranha e dos alfaiates na Beira Baixa. O sr. Adolpho Coelho, occupando-se, em uma revista scientifica especial, da tradição, quasi obliterada em Portugal, e transfigurada pelo tempo nos seus parallelos europeus que deu origem ao proverbio vulgarissimo — Sete alfaiates para matar uma aranha — informava no fim do seu artigo: «No Fundão havia um divertimento popular em que uma aranha d'arame era levada n'um andor, avançando contra ella os sete alfaiates armados de thesouras. Diziam uns versos que me não foi possivel obter». Podémos alcançar uma lição d'esses versos, de Aldeia Nova do Cabo, que, pela sua originalidade, não resistimos á tentação de apresentar aqui:

Senhor mestre alfaiate,
Que é aquillo qu'alem vimos?
— Todos dizem qu'é aranha,
E nós d'ella fugimos.

Senhor mestre alfaiate,
Mande-nos dar de jantar;
Já temos a obra feita,
Queremos ir andar.

— Venham cá os meus officiaes,
Com toda a moderação.
— Acudimos ao nosso mestre
Qu'está em grande afflicção.

(1) A Santa é representada na imagem do Castellejo com uma pomba na mão.

(2) A Portella do Homem é um logarejo da provincia do Minho no limite da fronteira portugueza e está situada a 15 kilometros ao norte da cidade de Braga. Era pela Portella do Homem que passava, no tempo dos romanos, a via militar que de Braga conduzia a Astorga, em Hespanha. Os marcos miliares que a nossa gravura apresenta, muitos d'elles teem inscrições latinas e assignalam a passagem das legiões de Roma pela Serra do Gereç.

Uma lenda christã

Os sete adormecidos de Epheso

No tempo do imperador Decio, terrível perseguição se desenvolveu contra as comunidades christãs. Os adeptos da antiga ordem de coisas, em maioria nos conselhos, apontavam os fieis de Christo como perniciosos innovadores, inimigos do Estado, menosprezando os deuses e as leis, deprimindo a majestade de Cesar, negando-lhe a legitima autoridade e insultando-lhe a personalidade altiva e sagrada, numa impia recusa de reconhecer-lhe a divindade, venerada de todos os bons cidadãos.

A perseguição estendeu-se a todas as provincias do Imperio, especialmente á da Asia. Affirma-se mesmo que o imperador para lá se transportou, afim de augmentar com a sua presença a autoridade dos magistrados. E todos os christãos se viram forçados a sacrificar publicamente aos falsos deuses.

bastasse tão pouca infamia, muitos chegaram a denunciar os proprios irmãos e parentes. Viu-se o esposo apontar á vindicta a esposa, o pae os filhos e os filhos chegarem ao cumulo de trair a creatura que lhes dera o ser.

E os ultimos fieis inquiriam se os tempos annunciados por João não haviam chegado, tempos em que o Antichristo, apparecendo entre os homens, destruiria com as suas mãos sacrilegas o maravilhoso edificio construido pelo Filho de Deus.

. . .

Ora, entre os christãos mais fervorosos, que absolutamente não descreiam da misericordia divina, destacavam-se sete rapazitos. Martinho, João Maximiliano, Jamblico, Antonino e Exacustade, assim se chamavam elles. Pertenciam ás principaes familias da cidade. A piedade exemplar de todos elles devia immediatamente despertar a attenção dos delatores, á caça activa de descobertas proveitosas, tão grande era a generosidade dos pontifices dos falsos deuses.

Os delatores surprehenderam as sete nobres creanças num dia em que, prosternadas numa capella, cobriam a cabeça de cinzas

DESASTRES NAVAES



O cruzador portuguez «S. Raphael», encalhado em frente de Villa do Conde

Os da cidade de Epheso foram alvos de mais accentuada severidade, porque, desde o apostolado de Paulo, as suas comunidades brilhavam entre todas por edificante piedade.

A chegada do imperador, os altares do paganismo reergueram-se em todos os sitios. A multidão servil testemunhava assim o seu zelo, na esperança de prodigalidades imperiaes. Quem quer que fosse suspeito de pertencer á nova religião era conduzido aos pés dos idolos e obrigado a offerecer-lhe os sacrificios prescriptos. Se recusasse, iria esperar nas masmorras o derradeiro supplicio.

Quando as execuções começaram, o medo da morte arrancou a mais de um a apostasia, que perde a alma para salvar o corpo.

A mór parte dos christãos, porém, preferiu a morte á renuncia de sua fé e, como acontece quasi sempre, foram fracas mulheres e tenras creanças que deram ao mundo o exemplo do heroismo nos transe dolorosos. Dentro em pouco, o que se via em toda a parte eram corpos sangrentos suspensos nos muros e cabeças enfiadas em páos. Os abutres e as feras banquetevam-se com os destroços humanos!

Se almas fortes achavam em tanta dôr motivo de edificação e encorajamento para servir a Deus, com risco do proprio corpo, outras, porém, tibias e pusilanimos renegavam Christo, comprando a vida e calcando aos pés o divino symbolo da fé. Como se não

em signal de luto e elevavam o pensamento a Deus, rogando-lhe força no momento supremo, que sentiam proximo.

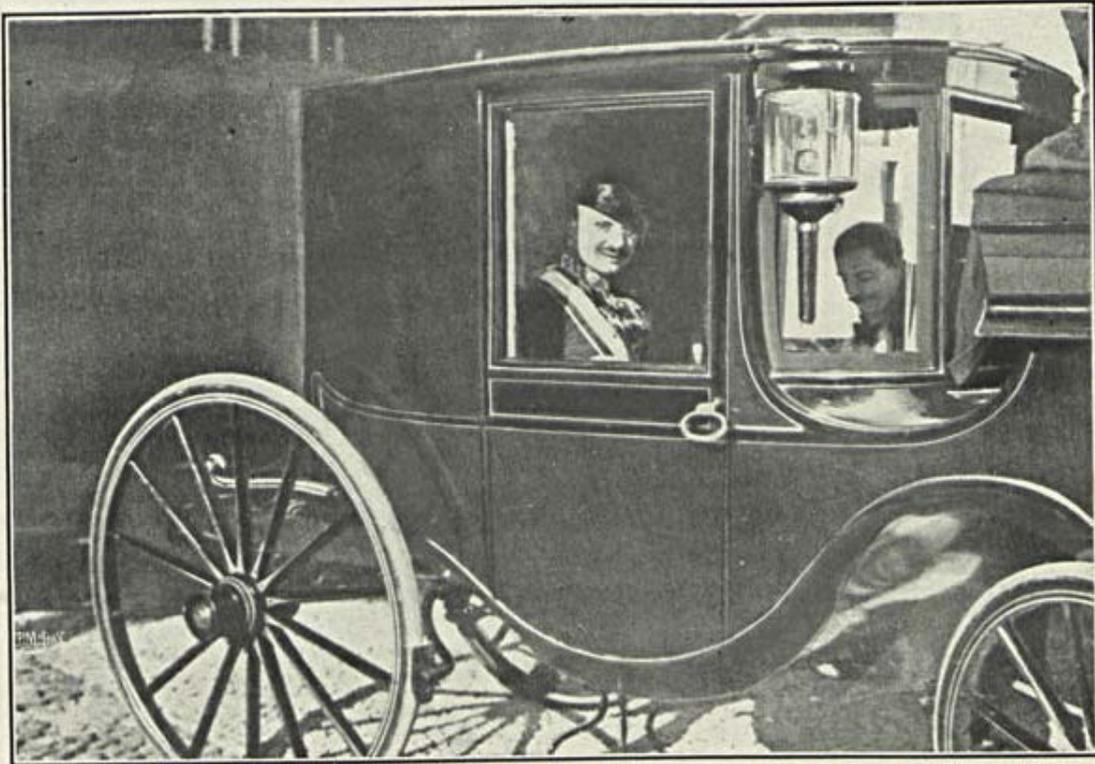
Os sete eram da mais elevada e illustre origem, para que não fossem immediatamente reconhecidos. Um dos delatores disse aos companheiros: «Os deuses collocam-nos entre as mãos culpados; cuja captura fará transbordar de jubilo a alma do nosso magnifico imperador. Continue a observal-os. Quanto a mim, corro ao palacio para relatar o que acabamos de vêr».

Logo que chegou, o delator atirou-se aos pés de Cesar:

«O' Cesar, o mais poderoso dentre os poderosos, espelho de justiça, fonte de todo bem, consentirás tu que os primeiros da cidade, desrespeitando os teus editos, continuem impunemente a sacrificar a esse pretenso Deus, que os proprios judeus renegam, tão ridiculo e odioso o acham? Vi, Cesar — os deuses afastem toda contrariedade de tua face radiosa — vi Maximiliano, vi Martinho e Antonino, cujo pae é um dos teus generaes, vi Dyonisio, e outros ainda, sete ao todo, adorando o Christo. Ouvi-os maldizer de teu santo nome, lançando injurias sobre os deuses do Imperio!»

— Ergue-te, respondeu o imperador. Cumpriste o teu dever, observando taes coisas e relatando-m'as fielmente. Estivessem elles, embora, sentados sobre os degrãos de meu throno, que de suas cabeças não se desviaria o machado do verdugo. Vae, e com o

A entrega das credenciaes do sr. Marquez de Villalobar, ministro de Hespanha em Lisboa



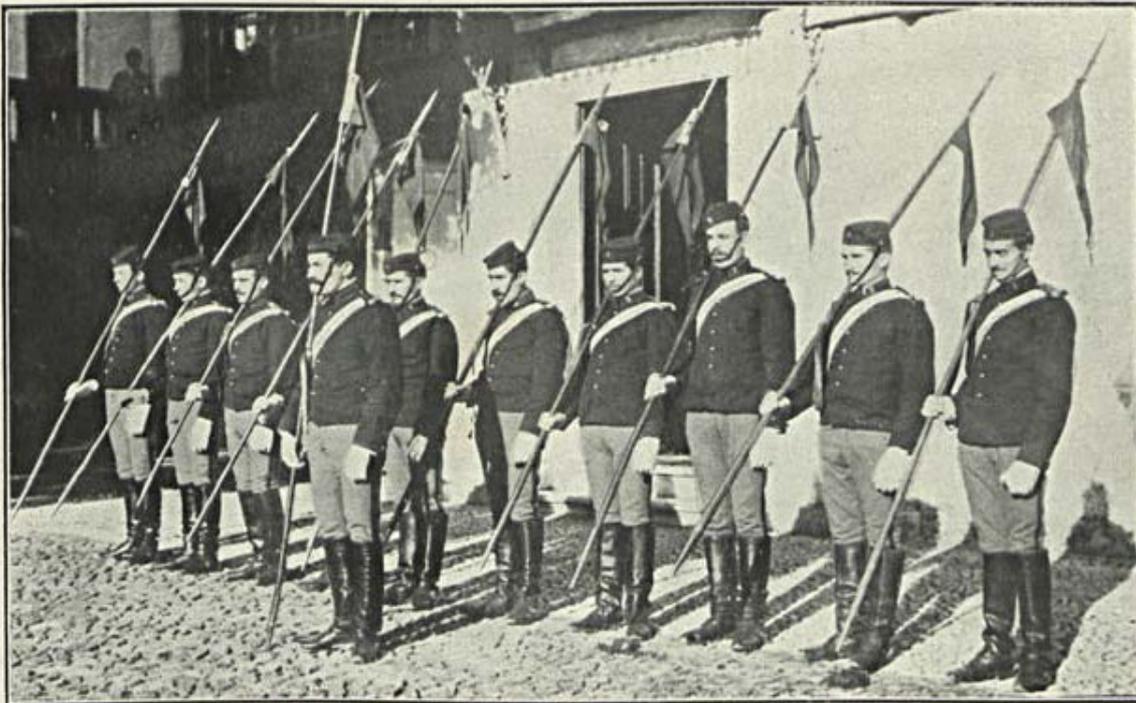
O sr. ministro de Hespanha sahindo do palacio de Belem

(Phot. de A. C. Lima)

sello que te confio, requisita os centuriões de guarda. Terás, assim, quem te auxilie a prender os rebeldes. Desejo que elles sejam trazidos á minha presença vivos. Espera-os um exemplo que fará

sarem, restabelecendo-se a ordem no Imperio. Parte e traze-me os presos, que desejo interrogar eu mesmo.

Chegados á presença de Cesar, Maximiliano, sem se deixar



A ENTREGA DAS CREDENCIAES DO SR. MARQUEZ DE VILLALOBAR, MINISTRO DE HESPANHA EM LISBOA

A guarda de honra ao palacio de Belem

(Phot. de A. C. Lima)

gelar de pavor esses detestaveis christãos. Dentro em pouco, se fôr do agrado dos deuses, veremos todas essas perturbações ces-

perturbar com o aparato da majestade imperial; confessou altivamente a sua fé:

— Perguntas-me ó Decio, porque, meus companheiros e eu, nos recusamos a sacrificar aos teus deuses. Todos nós te responderemos: amamos um Deus que habita o céo e cuja gloria enche o céo e terra. E' para elle que se elevam as nossas orações. Podes destruir o nosso corpo, porque de nossas almas o teu poder não dis-

Pelourinhos



O Pelourinho do Fundão

Este pelourinho foi mandado arrasar em 1882 pela Camara Municipal do Fundão, que erradamente suppoz que os pelourinhos apenas representavam monumentos de infamia e despotismo.

põe. Não descereamos ao ponto de render homenagens a estes vãos simulacros, quanto mais a adoral-os!

A taes audaciosas palavras, o imperador não respondeu. Ordenou apenas aos officiaes que tirassem dos moços o cinto militar, insignia de sua nobre condição, acrescentando que reservava para si o julgamento e pena a ser applicada aos sete conspiradores dos deuses. Não obstante, mandou que os deixassem sair livremente, afim de que fosse conhecido de toda gente o acto que haviam praticado.

Logo que se viram em liberdade, decidiram elles fugir de Epheso, escapando, assim, á colera do imperador. Sairam de Epheso, tão pobremmente vestidos, que as sentinellas das portas tomaram-nos por miseraveis camponios, deixando-os passar livremente.

Quando se viram longe, detiveram-se para resolver o que haviam de fazer.

Maximiliano foi o primeiro que falou:

«O melhor, meus irmãos em Jesus, é procurarmos refugio numa dessas cavernas, onde ha mais de cem annos pés humanos não vão. Ali afastados de qualquer perigo, passaremos estes tempos de afflicção a pedir a Deus que livre a nossa querida Epheso da tempestade de perseguição que a infelicita. Sim, porque taes desgraças não podem durar infinitamente.

— Não receias, respondeu Martinho, que ali, não podendo se-mear nem colher, a fome nos reduza a um tal gráo de miseria, que sejamos forçados a nos entregar aos nossos carrascos?

— Deus velará por nós, disse Dyonisio. Não alimentou elle a multidão faminta no deserto? Tudo pode Aquelle que caminha sobre as aguas.

João emittiu o seu parecer:

— Precisamos tambem auxiliar um pouco o Céo. Proponho uma coisa mais simples e menos desesperada. Caminhemos para o oriente, em direcção ao monte Celio, que conheceis muito bem. Estando um dia a caçar, fui surprehendido por violenta chuva, indo encontrar asylo numa caverna cuja entrada só o acaso me fez des-

cobrir. O logar é quasi inacessivel a quem não lhe conheça o caminho. Occultos nessa caverna, cuja entrada é tão estreita que não dá passagem nem aos ursos, unicos animaes ferozes, cujo encontro devemos temer, viveremos ali em paz. Quanto á nossa alimentação, é facil ir procural-a no mercado. Desta missão encarregar-se-á um de cada vez, comprando generos que durem para uma semana. De certo não attenderão em nós.

(Continua),

MAURICE MAINDRON.

THEATROS

BONITA — Opereta de costumes portuguezes. Em Londres

Tem na sua presença os leitores do *Brasil-Portugal* alguns quadros formosissimos da opereta *Bonita*, executada, com grande exito no *Queen's Theatre*, de Londres.

E' uma opereta de costumes portuguezes, letra de Mr. Wadkam Peacock e musica de Mr. H. F. Limson.

Muitos numeros da partitura foram bisados pelo publico que applaudindo os auctores consagrou a obra artistica.

A peça consta de um prologo e dois actos, tendo n'ella um trabalho brilhante a actriz miss Evelyn. As scenas que constituem o prologo decorrem n'um posto militar no Bussaco (1810), por occasião da guerra peninsular, e n'ellas tem relevo a figura de um tenente inglez, que, depois de estar preso de amores por uma rapariga da localidade, morre em combate.

O primeiro acto passa-se n'uma aldeia piscatoria. As casas, caidas, descem para o caes, destacando-se fortemente do fundo azul do mar. Maria, *Bonita*, promettida em casamento a um proprietario local, o *tyranno* da peça, que aspirava á fortuna que ella devia possuir em Inglaterra, enamora-se de um tenente inglez, que, segundo o libretto, é bisneto do que apparece no prologo, e que, quando se celebrou o centenario da guerra peninsular, veio a Portugal com um pequeno destacamento. Estabelece-se a rivalidade. *Bonita* appella para Santo Antonio, cuja festa se realisa por esse tempo.

O segundo acto desenrola-se n'um claustro arruinado de um convento, de onde se avista a pittoresca povoação. Guarda-o um monge. Ao claustro veem os dois pretendentes queimar as alcachofras que hão de decidir da sua sorte. O *tyranno* ainda tenta uma mystificação, molhando uma flôr e deitando petroleo na outra, mas os enamorados triumpham, protegidos por Santo Antonio.

A convite da empresa, o sr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres, acompanhado do secretario da legação, sr. Ferreira de Almeida, assistiu ao primeiro espectáculo, do camarote de gala, e ali chamou, n'um dos intervallos, o empresario, os auctores, o ensaiador e o sr. G. Tombs, representante, em Londres, da Propaganda de Portugal, sincero amigo do nosso paiz, e um dos que mais se esforça-

A questão de Marrocos



D. Salvador Diaz Ordoños

General de divisão do exercito hespanhol, inventor dos canhões que tem o seu nome, morto em Imarufen, em 14 de Outubro de 1911.

ram para que a *Bonita* subisse á scena com tanto esplendor num palco de Londres.

A to-los o ministro dirigiu louvores e offereceu-lhes uma ceia no *Carlton*.

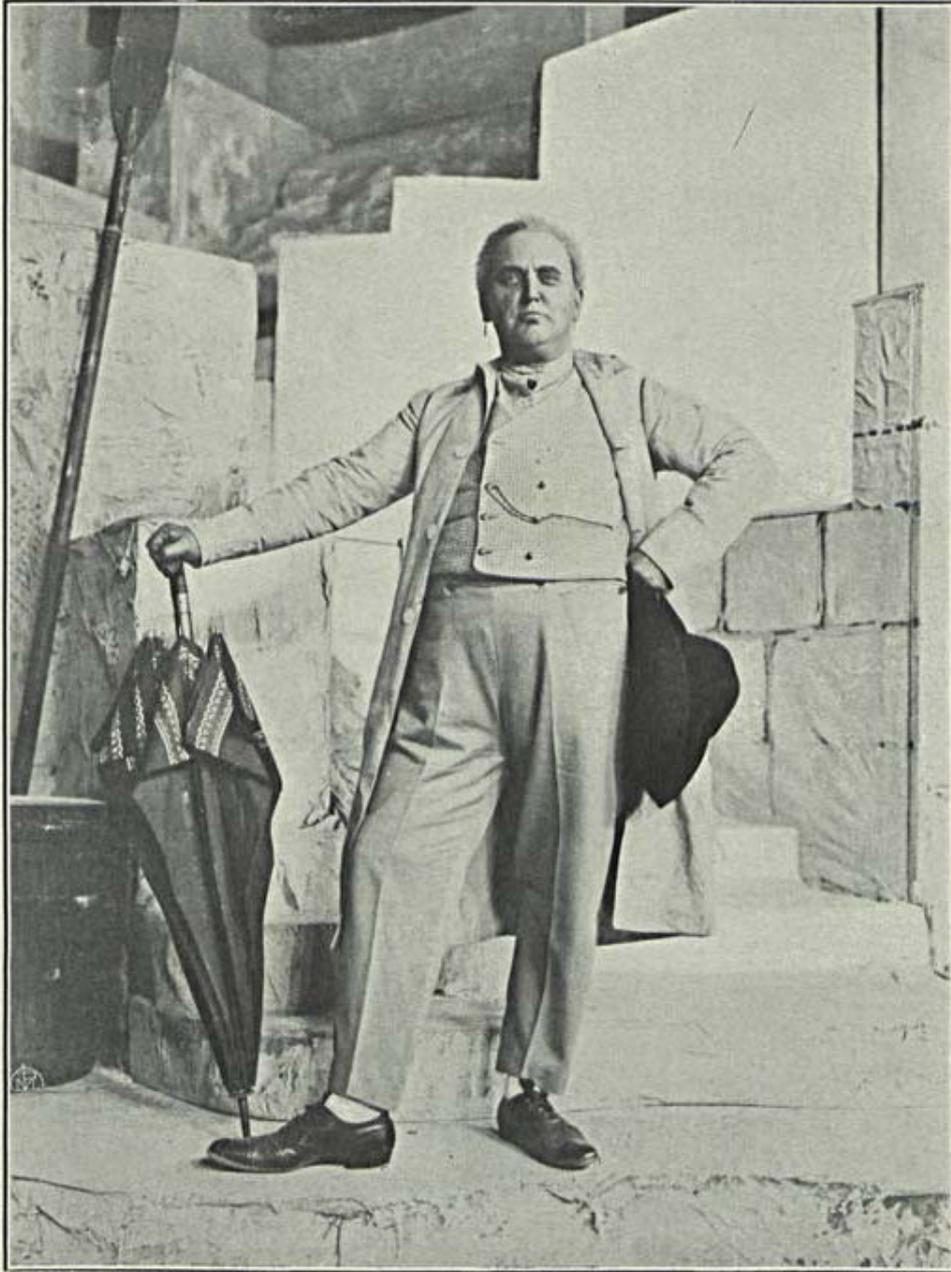
Gymnasio. — *A Cocotte*, peça em 4 actos, de Pierre Veber, traducção de Portugal da Silva. *Os direitos da mulher*, comédia em 1 acto, de Arthur Cohen e Guilherme Barbosa. — **Avenida** — *As Botas de Napoleão*, peça em 3 actos e 12 quadros, de Sousa Rocha, musica dos maestros Del-Negro e Luiz Moreira — **Republica** — **Trindade** — **Colyseu dos Recreios**.

Uma excellente comédia esta que ora se representa no **Gymnasio**: a primeira novidade da época e que teve um brilhante aco-

Um verdadeiro successo, affirmamos, sem sombra de reclamo... A traducção de Portugal da Silva correcta, conseguindo manter todos os effeitos de phrase.

A companhia acha-se reforçada com alguns elementos de valor incontestavel, como Maria Augusta, uma característica de merecimento, genero que rareia no nosso meio, Casimiro Tristão, que até aqui só tinha trabalhado em opereta e mostrou recursos para comédia, e Zeferino de Albuquerque, um comico de valor, tendo voltado Henrique de Albuquerque, que na passada época estivera afastado do theatro, e que é um artista de largo futuro, immensamente apreciado pelo publico. Todos estes tomaram parte na representação da *Cocotte*, desempenhando-se conscienciosamente da missão. Dos elementos anti-

BONITA — Opereta de costumes portuguezes. Em Londres



O pae de «Bonita» a protagonista da opereta

lhimento. Boa aquisição, fóra de duvida. De engrenagem complicadissima, é de feição para aquelle theatro.

Pierre Veber fez um trabalho interessante e cuidado, ainda que com assumptos velhos: — a eterna historia dos maridos que enganam as mulheres e... vice-versa. Mas tem bons ditos, e as situações são de um imprevisito extraordinario, notando-se, por vezes, originalidade. O segundo acto é optimo, — o melhor da peça — o que não impede que o publico nos restantes, embora menos substanciosos, ria a faltar, pois em todas as scenas se adivinham os bastos conhecimentos, de technica de theatro, do auctor.

gos citaremos Judith, Albertina, Cardoso, Telmo e Julio Alves, que vae fazendo progressos.

A acompanhar esta peça vae um original portuguez em um acto intitulado: *Os direitos das mulheres*, que, embora recebido com applausos pelo publico, peca um pouco pela pornographia.

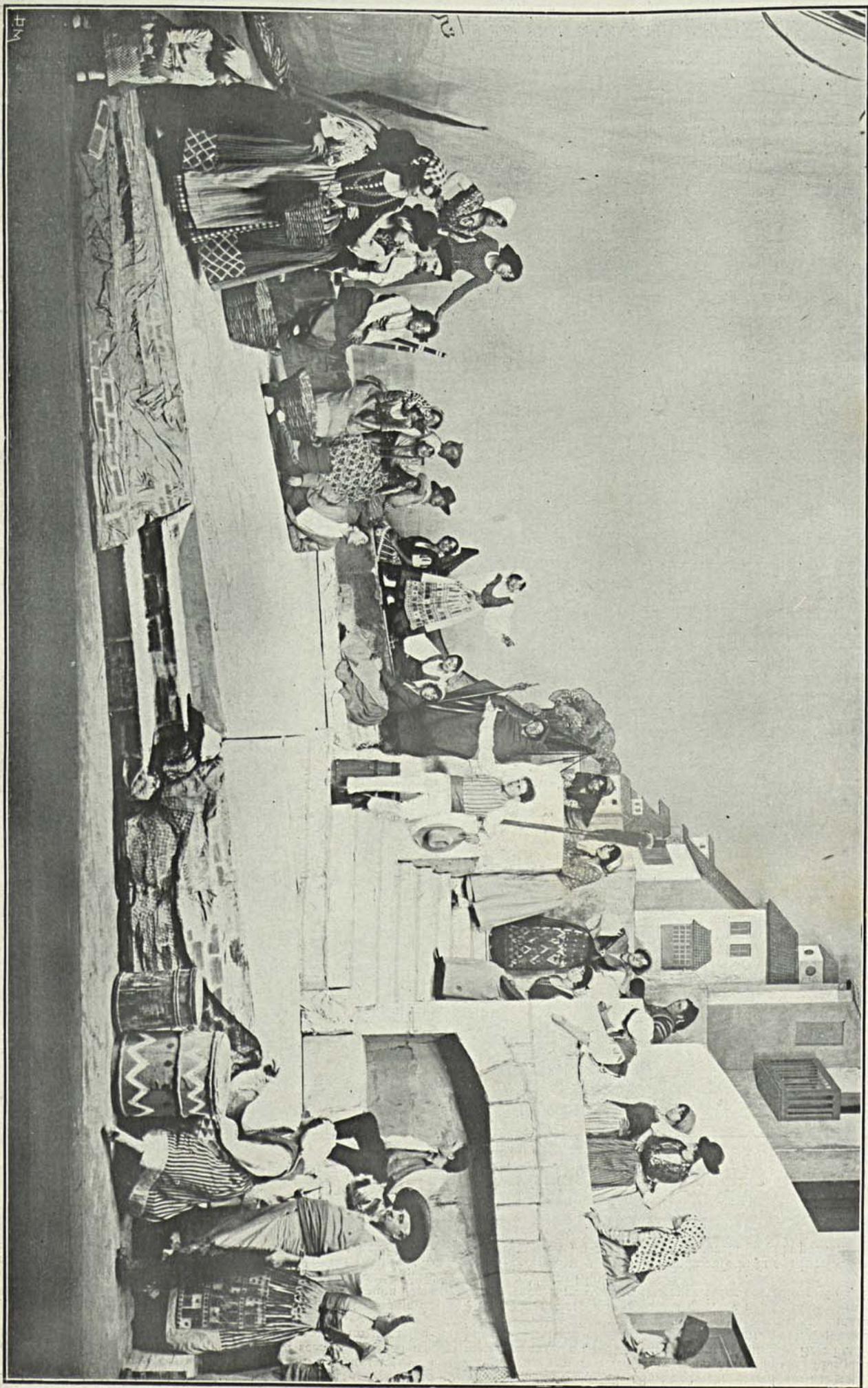
Emfim, a peça, incontestavelmente, tem graça, e isso é o preciso, mas os auctores, que mostraram possuir recursos para o genero, podiam ter evitado uma ou outra phrase mal-soante, que a espaços nos fêre o ouvido. Folgaremos que no seu proximo trabalho — *O Talassa*, — que está em ensaios, elles emendem um pouco a mão.

Bonita.—Opereta de costumes portuguezes. Em Londres



Um trecho do 1.º acto

Bonita.—Opereta de costumes portuguezes. Em Londres



Outro trecho do 1.º acto

— *As botas de Napoleão* é uma destas peças em que um pequeno pretexto dá lugar a uma successão de quadros sem ligação entre si, á laia de revista, exhibindo vestuários luxuosos, scenarios de effeito, couplets gaiatos, situações comicas, ditos que provocam gargalhada, e alcunhadas geralmente de *peças de viagens*.

Aqui é o caso de um estudante a quem um tio, que tem fama de rico, á hora da morte chama entregando-lhe o seu legado: uma carta e um par de botas. Ora o rapaz tem a *providencial* ideia de não abrir a carta, senão era uma vez uma peça, e vende as botas a um *bric-à-braquista*, que as impinge a um inglez como tendo pertencido a Na-

— Inaugurou no dia 28 os seus espectaculos o **Republica**, fazendo representar o *Envelhecer*, de Marcelino de Mesquita, em que reapareceram nos seus antigos papeis Eduardo Brazão, Ferreira da Silva e Emilia de Oliveira, os principaes interpretes, que foram festejadíssimos. A seguir passarão todo o repertorio de maior successo até á segunda recita de assignatura que, se não estamos em erro, será com a peça *Snr. Freitas*, dos apreciados comediographos Chagas Rquette e Alvaro Lima.

— De regresso do Brasil onde auferiu fartos lucros, reapareceu no **Trindade** a companhia de opereta dirigida por Affonso Taveira

BONITA — Opereta de costumes portuguezes. Em Londres



Um trecho do 2.º acto

poleão. Só depois o rapaz lê a carta, na qual o tio lhe diz que no cano de uma das botas encontrará um papel em que indica o sitio onde depositou os seus haveres; e aqui vão todos em busca do *homem das botas*, que, como a peça é de viagens, só encontram na Patagonia, isto depois de terem atravessado a Hespanha, França, Inglaterra, e até... a lua! Está claro que este genero de viagens é cheio de peripecias que, embora causem grandes transtornos aos viajantes, tem a vantagem de divertir o publico, que, em boa verdade, não dá por mal empregado o tempo, pois só o trabalho de José Ricardo vale a peça. O scenario é vistoso bem como o guarda-roupa. A musica alegre e apropriada.

Para breve preparam-se as zarzuelas *Mancheia de Rosas* e *Dôr de Cotovello*.

e de que é figura principal a actriz Palmira Bastos, tendo a secundal-a Medina, Maria Santos, B. Dyson, Gomes, Leitão, Sá, Corrêa, etc. etc., tendo feito reprise dos *Amores de Principe*, um dos successos da época anterior. Taveira prepara-nos para a presente temporada novidades sensacionaes a que em tempo devido nos referiremos.

— No **Colyseu**, em espectaculos por sessões, continua em pleno successo a companhia de variedades de que fazem parte artistas com reputação mundial. São dignos de referencia o cossaco Michel Antodze, em exercicios equestres, as irmãs Mazzolis, nos jogos malabares, os *clowns* Nolo & Tony Grice, Carlos Lamas, nas suas cançonetas e imitações, esperando-se mais novidades.

Ruy.